



# VOZ DA FÁTIMA

Director: PADRE LUCIANO GUERRA

Redacção e Administração: Santuário de Fátima — Telef. 049 / 97182 - 97707 - 97498

Tema da Peregrinação de Junho

Vamos construir  
a civilização do amor!

A FAMÍLIA  
É O BERÇO DO AMOR.

ANO LIV N.º 545  
13 DE JUNHO DE 1976  
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

## Qual o significado de Fátima?

A Radiodifusão Nacional e a Rádio Renascença fizeram-me esta pergunta, na noite do passado dia doze, quando estava para arrancar a procissão de velas. Todo o Recinto era uma grande vastidão salpicada de luzes vivas. Muito mais do que o ano passado. Muito mais do que nós esperávamos. A meio da semana já hoje é difícil as pessoas deixarem o seu trabalho para virem passar dois dias na Cova da Iria. Por isso foram relativamente numerosos os peregrinos que aproveitaram o fim de semana anterior para a sua caminhada penitencial, a pé, e regressaram aos seus lugares de trabalho antes do dia treze.

Diante de tão grande multidão, que ali se congregara sem que ninguém a convidasse expressamente, não consegui dar por resposta aos jornalistas senão uma pergunta para eles responderem: acha que se Fátima não tivesse significação — significação profunda e para os dias

P. LUCIANO GUERRA

— Reitor do Santuário

de hoje — esta gente estaria toda aqui, a estas horas da noite, na atitude em que a vemos?

Quem não acredita na graça de Deus, e é sincero, tem direito a «torcer» factos inegáveis como o daquela multidão (uma entre muitas em cinquenta e nove anos de Fátima) para encontrar uma resposta «natural», que prescindida de qualquer força atractiva do Alto. E uns dirão que as pessoas se deixam arrastar por outras pessoas, e outros dirão que Fátima exerce sobre as suas multidões a irresistível atracção dos mitos. Mas quem comungar na fé de que

Deus existe, de que Jesus Cristo ressuscitou e de que Maria é Mãe da Igreja, esse deve reconhecer, sem esforço, que neste espaço da Cova da Iria perpassa, nem mais nem menos, a presença do Senhor Altíssimo, Criador e Redentor, atraindo os seus filhos, pelos caminhos da oração e da penitência, e pelo Coração maternal de Nossa Senhora, para vivências espirituais que são o grande lastro da paz, num mundo em guerra por falta de amor.

Claro que há alguns turistas nas peregrinações da Cova da Iria. Serão menos do que parece aos que não sabem descobrir fé verdadeira senão nas longas meditações dos místicos. Mas há realmente turistas em Fátima. E também se admite que as grandes massas humanas se prestam à criação de climas emocionais só aparentemente profundos. Entretanto nós vemos bem que as multidões de Fátima não são nem as dos comícios políticos nem as do primeiro de Maio. Há ali qualquer coisa de muito diferente. Nas vozes. Nas casas que acolhem os peregrinos peões. Nos milhares de corações que rezam sobre o alcatrão e a calçada, pés inchados repousando sobre mantas. DEUS ESTÁ PRESENTE ALI. E é esse ainda nos nossos dias, o grande, manifesto, misterioso, fortíssimo significado de Fátima.

## HOMILIA DO CARDEAL BAGGIO

### 1. FIM DOS TEMPOS (Apoc. 21, 1-5a)

O luminoso panorama que nos desenrola a primeira leitura desta sugestiva liturgia da palavra leva-nos com o pensamento até ao fim dos tempos, num céu novo, numa terra nova e numa humanidade nova, na consumação daquela novidade de vida, na qual estamos, desde agora, inseridos em germen, todos nós que fomos ressuscitados em Cristo, na vitória total da misericórdia de Deus sobre o pecado, e na libertação completa e definitiva de todas as servidões que lhe advêm, principalmente da morte.

Mas não se trata de uma fantasia poética que nos é oferecida para aliviar as nossas angústias e as nossas fadigas quotidianas; ainda menos se trata de uma alienação que nos distraia do nosso empenho de homens conviventes e operantes sobre a terra ou que nos dissuada de reconhecer ou aceitar sem censura a nossa sorte de peregrinos, com os seus limites e as suas contradições. Trata-se de uma realidade futura, sim, mas certa. E a ânsia daquela realidade suprema — como nos recorda o Concílio — não enfraquece mas antes estimula a nossa solicitude no trabalho relativo ao mundo presente, onde cresce aquele corpo da humanidade nova que já consegue oferecer uma certa prefiguração que vela o mundo novo (GS, n. 39).

Trata-se do cumprimento infalível de todas as nossas esperanças da meta segura do nosso caminhar, do prémio devido às nossas fadigas, da transfiguração dos nossos sofrimentos e dos nossos sacrifícios, do conseguimento daquela felicidade, à qual incessantemente aspiramos, do aplacar-se de todas as nossas tensões, da resposta a todos os nossos porquês, do reencontro — como nos diz o Concílio — de todos aqueles bens, como a dignidade do

homem, a fraternidade e a liberdade, dos bons frutos da nossa natureza e das nossas obras que haveremos difundido sobre a terra no espírito do Senhor e conforme ao seu preceito (I. c.). Trata-se daquela visão de fé que sustentava o protomártir Santo Estêvão no meio do mortal apedrejamento e, depois dele, todos os mártires cristãos de corpo e de espírito. Trata-se da plenitude daquele reino dos céus que se vai delimitando na evangelização de Jesus Nosso Senhor e que se realiza na sua obra, pelo qual vale a pena deixar tudo e tudo sacrificar, que deve ser conquistado à força, que está prometido aos puros de coração. Daquele reino de Deus, que é presente, ainda que no mistério e na angústia da procura, nesta terra, testemunhado pelos votos religiosos e pela perfeita castidade (LG, nn. 42,44), proclamado a alta voz pela família cristã com a fidelidade (quantas vezes heróica!) à sua vocação (LG, n. 36).

Quando São João Evangelista contemplava a cidade santa descida do céu, de junto de Deus, preparada como a esposa que se adorna para o esposo, a Jerusalém histórica que se erguia sobre a colina de Sião como sinal de reunião e de reconhecimento do povo eleito, mas que tinha matado os seus profetas e perseguido os seus justos, tinha sido já profanada e destruída pela soldadesca do imperador Tito. A nova e eterna Jerusalém, pátria do novo povo de Deus, capital da nova e perene aliança, renasceria consagrada no sangue do Filho de Deus, feito homem, e apresentar-se-ia como a esposa tendo prodigiosamente readquirido a sua integridade e a sua beleza para o seu encontro com o esposo. Nela já tinha a sua morada em alma e corpo a bemaventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, modelo e dianteira do Povo de Deus.

### 2. PLENITUDE DOS TEMPOS (Jo. 19, 25-27)

Da visão estimulante daquilo que será o nosso destino no fim dos tempos, o Evangelho que ouvimos leva-nos à plenitude dos tempos, os anos da encarnação de Nosso Senhor, e descreve-nos um momento culminante da paixão de Jesus e da compaixão da Mãe, numa altíssima liturgia de angústia e de carinho, de tormento e de doação.

As palavras benditas que da cruz descem ao coração de Maria e de João — e aos nossos corações comovidos — confirma a estreita relação de Maria com a Igreja e a humanidade, a sua participação privilegiada e insubstituível na obra divina da redenção. Ao despojar-se do que lhe era mais querido, o Filho de Deus e do Homem confirma o «fiat» pronunciado no dia anterior, na agonia no Horto das Oliveiras; Maria por sua vez renova silenciosamente o «fiat» da anunciação.

### 3. INÍCIO DOS TEMPOS (Gen. 2-3)

Para melhor compreender o alcance da visão de São João e da cena tão dramática e tão doce da sexta-feira santa e para elas serem o nosso Evangelho e o nosso Apocalipse é necessário remontar-nos até ao início dos tempos, à primeira página da bíblia.

Numa manifestação de amor puro, Deus cria o homem e a mulher, semelhantes a si, livres e felizes, doa-os um ao outro e, espontânea e gratuitamente, estabelece com eles uma primeira e fundamental aliança. Mas eis que entra em cena o espírito do mal, o demónio e, com ele, o pecado, a desobediência, a recusa, a anti-aliança. Deus não se deixa vencer, não renega a sua criatura, não a priva do dom constitutivo da sua personalidade, isto é a liberdade, não abroga a sua aliança de amor,

antes a sigla mais solenemente e se empenha em restituir ao homem e à mulher toda a sua amizade, melhor, uma participação muito mais íntima à sua própria natureza, prometendo-lhes a redenção, isto é, uma vitória sobre o pecado e sobre o mal que transcenderá toda a expectativa e toda a esperança. Será a Mulher, a Virgem que vencerá sobre o tentador e dará início à salvação e o evangelista São Lucas dirá-nos-a que o nome dessa Virgem é Maria. Na sua pureza absoluta, cristalina, como Eva antes de ser seduzida pela serpente, na plenitude de graça, ela abrir-se-á ao Espírito Santo e conceberá no seu seio o Santo, que será chamado Filho de Deus e que livrará o seu povo — o povo de Deus — de todos os seus pecados.

Somente à luz da revelação, na consciência da aliança e da redenção, é possível compreender o destino do homem, o valor da sua liberdade, a sua responsabilidade pessoal e a sua solidariedade com todo o género humano, o mistério da dor e a natureza do mal. Quem não aceita o pecado e a redenção é constringido a recusar o sofrimento, é levado ao desespero que é o absurdo da condição humana. Quem renega a Deus e presume a inocência do homem não pode senão acusar a sociedade e as suas estruturas de todos os males e de todas as injustiças e delitos do mundo, não se dando conta de que assim vem a criar-se uma nova e triste divindade para carregá-la de todas as desgraças e de todas as culpas.

### 4. FÁTIMA, EVANGELHO ABREVIADO (Mons. Pereira Venâncio)

Até ao momento, não falei ainda de Nossa Senhora do Rosário nas suas apa-



# Peregrinação de 13 de Maio

«VAMOS CONSTRUIR  
A CIVILIZAÇÃO DO AMOR»

Provenientes dos mais longínquos pontos do país e de numerosos países da Europa e da América, juntaram-se no recinto da Cova da Iria, nos dias 12 e 13, muitos milhares de peregrinos para orar e reflectir sobre o tema «Vamos construir a civilização do amor», na ocorrência do 59.º aniversário das aparições de Nossa Senhora aos três pastinhos, Lúcia, Jacinta e Francisco.

A peregrinação foi precedida de tríduo que juntou na Basílica nos dias 9 e 10 e na capela das aparições no dia 11, muitos peregrinos para a reza do terço e reflexão sobre o tema da peregrinação através de meditações feitas pelo P. Adelino Pereira, da Ordem franciscana, de Leiria.

Presidiu aos actos da peregrinação o cardeal Sebastião Baggio, arcebispo titular de Éfeso, Prefeito da Sagrada Congregação para os Bispos, que veio a Fátima pela primeira vez, a convite do sr. bispo de Leiria.

Tomaram parte o cardeal Patriarca de Lisboa, os arcebispos de Braga, Évora, Beja, Lamego e Mitilene, os bispos de Leiria, Santarém, Setúbal, Vila Real, Viseu, Aveiro, Bragança, Portalegre, Sá da Bandeira, Quelimane, auxiliares de Lisboa, Beja, Braga, resignatários de Leiria, Luanda, Porto Amélia, Nova Lisboa e D. João Crisóstomo. Assistiu ainda o Arcebispo de Paderborn, Alemanha, que veio com alguns peregrinos da sua diocese.

Durante os dias 10, 11 e 12 chegaram numerosos grupos de peregrinos a pé, muitos dos quais peregrinaram centenas de quilómetros.

Integrado na peregrinação efectuou-se um retiro espiritual para doentes com a participação de 54, vindos de vários locais. Orientaram o retiro os padres Domingos de Sousa, beneditino, e Manuel Antunes, da diocese de Leiria. Estes doentes e muitos outros que chegaram no dia 12 foram recebidos gratuitamente no Albergue e assistidos por vários médicos, enfermeiros e servitas.

Por sua vez os serviços de lava-pés fizeram tratamento a vários milhares de pessoas que ali se apresentaram com os pés chagados e doridos da longa caminhada de vários dias.

Esta peregrinação, como tantas outras, foi oportunidade para o cumprimento de promessas de inúmeras pessoas que percorreram de joelhos o percurso desde a Cruz Alta até à Capela das Aparições.

## OS ACTOS DA PEREGRINAÇÃO

Às oito horas da manhã do dia 12 formou-se, junto da capela das aparições uma procissão que seguiu a caminho da via-sacra dos Valinhos, local onde se deu a aparição de Agosto de 1917 e onde se encontra a capela dedicada a Santo Estêvão, mandada fazer pelos católicos da Hungria.

Presidiu a este acto em que se incorporaram muitos peregrinos, entre os quais numeroso grupo de alemães, o P. Jeremias, carmelita de Fátima. Junto de cada estação da via-sacra houve uma pequena meditação alusiva.

Na capela do Calvário, 10 sacerdotes concelebraram a eucaristia e distribuíram a sagrada comunhão.

Até ao meio dia foram rezadas missas na capela das aparições nas línguas portuguesa, espanhola, inglesa, francesa, alemã e flamenga.

Ao meio dia um sacerdote presidiu ali à reza do terço, seguindo-se a celebração de missa na língua italiana.

Durante a tarde houve encontros para jovens na Casa dos Retiros «Sr.º do Carmo», organizados pelo P. Victor Feytor Pinto, do Secretariado da Juventude, com a colaboração do P. Augusto Gomes Gonçalves, uma psicóloga, um aluno de teologia, uma professora de moral e 10 jovens. Os temas dos grupos constituídos informalmente foram: Tensões e urgência da reconciliação, perda da fé e encontro com Cristo. Às 18 h. houve plenário para apresentação dos trabalhos de grupos e às

20 h. celebração penitencial.

Também para casais foi organizada uma celebração penitencial orientada pelo P. José Mendes Serrazina e a participação de 90 pessoas.

## A RECEPÇÃO AO CARDEAL BAGGIO

Às 17 horas foi celebrada Missa na Colunata que se encheu de peregrinos a transbordar.

Pelas 16 h. foi dado início oficial aos actos da peregrinação. O Cardeal Sebastião Baggio chegou à capela das aparições acompanhado dos arcebispos e bispos portugueses e, depois de uma breve oração diante da imagem de Nossa Senhora, foi saudado pelo sr. D. Alberto Cosme do Amaral, bispo de Leiria que igualmente saudou todos os peregrinos presentes. Respondeu Sua Eminência com as palavras que noutra lugar reproduzimos. Depois do seu discurso, feito em português, o Cardeal Baggio saudou os peregrinos de outras línguas, em italiano, espanhol, francês e inglês. O arcebispo de Paderborn, apresentado pelo reitor do Santuário como grande amigo de Fátima e da sua Mensagem, falou aos peregrinos de língua alemã.

Fez-se a evocação e diálogo da primeira aparição de Nossa Senhora em 13 de Maio de 1917 entremeados de cânticos.

## PROCISSÃO DE VELAS

Conforme se anunciou no programa distribuído por vários locais do recinto e por todas as paróquias de Portugal inteiro, efectuou-se às 22 horas a procissão das velas.

O recinto coalhou-se de velas acesas e a imagem de Nossa Senhora foi conduzida aos ombros de servitas e devotos por entre os cânticos da grande multidão.

Seguiu-se uma concelebração eucarística de 78 sacerdotes presidida por D. An-

tónio Baltasar Marcelino, bispo auxiliar de Lisboa.

## VELADA NOCTURNA

Da meia noite às 3 h. da manhã efectuou-se a velada nocturna de oração diante do SS.º Sacramento exposto, na Colunata. Durante estas três horas, uma equipa de jovens universitários de ambos os sexos, do Porto, organizada e dirigida pelo P. Dr. Jerónimo da Rocha Monteiro, do Centro Pastoral do Colégio dos Órfãos, desenvolveu através de reflexão, diálogos, testemunhos e cânticos, o tema da construção da civilização do amor.

Das 3 às 7 h. realizou-se a segunda parte da velada de oração em três momentos; 1.º: Viver o terço; 2.º: Uma mulher chamada Maria (representação de um quadro vivo), 3.º: celebração da eucaristia. Esta segunda parte esteve confiada a uma equipa da Liga Intensificadora da Acção Missionária (LIAM).

Muitos milhares de peregrinos participaram nestes actos. A procissão eucarística pelo recinto foi o fecho da velada nocturna de oração.

Pelas 7.30 h. o P. Adelino Pereira, ofm dirigiu a celebração do rosário na capelinha das aparições. As suas meditações à volta do tema da peregrinação foram escutadas atentamente por uma multidão que, apesar da hora matutina, compareceu em volta da pequena capela.

## SOLENE CONCELEBRAÇÃO

Às 10 horas o recinto estava cheio de peregrinos. Apenas a meio se notavam pequenas clareiras. Por outro lado, junto da Colunata a multidão era mais densa por causa da sombra.

Formou-se então o cortejo sacerdotal para o altar da escadaria da Basílica, formado pelos cardeais, arcebispos, bispos e sacerdotes. A imagem de Nossa Senhora, em andor profusamente ornamentado com

flores, é conduzida aos ombros de cadetes da Academia Militar.

Os doentes, em número de 455, são conduzidos para a Colunata em macas e cadeirinhas de rodas, auxiliados por médicos, enfermeiras e servitas de Nossa Senhora. Na colunata do lado sul tomaram parte os peregrinos de línguas estrangeiras.

Preside à concelebração eucarística o cardeal Sebastião Baggio que tinha a seu lado os Arcebispos de Braga e de Évora. Ao todo concelebraram 250 sacerdotes nacionais e estrangeiros.

No início vários sacerdotes proferem uma saudação aos peregrinos de línguas estrangeiras. Os cânticos são executados por religiosas e alunos do Seminário de Leiria sob a direcção do Rev. Dr. Carlos Silva e acompanhados ao órgão pelo rev. Dr. António de Oliveira Gregório.

Depois da leitura do Evangelho S. E. o cardeal Baggio profere uma homilia na língua portuguesa.

A oração universal é proferida em várias línguas, para que haja uma maior unidade de participação dos peregrinos.

A sagrada comunhão foi distribuída por mais de uma centena de sacerdotes a 30.000 peregrinos, entre os quais os doentes.

Depois deste acto foi exposto solenemente o SS.º Sacramento. O cardeal Baggio levou até junto de cada um dos enfermos a custódia e deu-lhes a bênção com o SS.º, enquanto a multidão entoava cânticos e rezava pela saúde e conforto espiritual dos que fazem deste momento o ponto máximo da sua peregrinação — a cura das suas enfermidades. Este acto solene atinge todos os doentes que seguem as cerimónias pela televisão. Diante das câmaras S. E. traçou o sinal da bênção para estes. Como acto final toda a multidão se recolheu para a bênção com o SS.º Sacramento traçada pelo cardeal Baggio.

O sr. Bispo de Leiria proferiu logo a seguir palavras de acção de graças e de compromisso. Foram benzidos os objectos religiosos que os peregrinos levaram de Fátima como recordação da peregrinação.

Organizou-se então o cortejo sacerdotal para a capela das aparições com a imagem de Nossa Senhora, por entre um mar de gente que entoando cânticos e acenando com lenços brancos disse «Adeus» a Nossa Senhora de Fátima, rematando assim uma grandiosa manifestação de amor.

# Tríduo Preparatório

dos nossos a abandonarão».

Os cristãos devem olhar sua vida como um todo, como um projecto de vida. A vida não pode ser vivida ao calhar e ao sabor dos instintos e das modas ou ideologias filosóficas e sociais. A civilização do amor chegará a ser uma realidade na medida em que cada cristão cumpre, feliz e com prazer, o seu projecto de vida, o seu projecto vocacional. Construtores da civilização do amor serão, antes de mais, os sacerdotes, ministros da Palavra, da Graça e da Caridade; os religiosos consagrados totalmente a Deus e ao Reino para inteiramente se darem aos irmãos; os casados que se amam para sempre, num amor total e fiel, para mostrarem como Cristo ama esponsalmente a Igreja e a humanidade; e todos os cristãos e todos os homens que se dedicam a fazer o bem sem olhar a quem. A civilização do amor só pode ser construída por vocações e vidas de amor.

No dia 10, as reflexões sobre a civilização do amor aprofundaram-se aos mistérios gozosos e procuraram pôr em evidência o amor extremo de Deus que amou os homens até ao ponto de se fazer homem para os amar como homem e para viver e morrer como homem, experimentando assim divinamente a condição humana. Este amor cristão precisa de ser levado, hoje, aos lugares e corações onde ele não existe para que a civilização do amor possa vir a ser uma realidade neste mundo em que vivemos: precisa de ser levada aos bairros de lata, às segregações raciais, religiosas e políticas, às injustiças sociais, às lutas de classes, às rivalidades entre os homens e sobretudo entre as superpotências, ao esbanjamento dos povos ricos em face dos povos que estão morrendo à fome, frente a povos vivendo

em condições infra-humanas.

A civilização do amor só será possível se cada homem traçar, como programa seu, tudo fazer, na ordem material, económica, política e social, de modo a estabelecer no mundo o pleno respeito pela dignidade da pessoa humana e a fraternidade universal. À semelhança de Maria, *Serva do Senhor*, cada homem e mais ainda cada cristão deve tornar-se um servo dos outros.

É sabida a escassez de sacerdotes. Seria ocasião de as comunidades cristãs serem alertadas para suscitar no seu seio estas vocações de serviço: sacerdotes, religiosos e outros ministérios. Ser cristão, ser leigo cristão é ser responsável pela Igreja, pela comunidade cristã. E perguntou-se: «Não podias tu ser ministro da catequese? Ministro dos doentes? Ministro do Matrimónio? Ministro do apostolado Juvenil? Ministro da oração comunitária? Ministro do Baptismo? Ministro dos funerais cristãos?...» A civilização do amor será uma realidade mais palpável quando abundarem estes servos dos outros à semelhança de Jesus, de Maria e de todos os que puserem incondicionalmente a sua vida, no todo ou em parte, ao serviço do Povo de Deus.

No dia 11, a meditação sobre a civilização do amor foi feita à base dos mistérios dolorosos. Fundamentalmente apelou-se para o facto de a morte de Jesus continuar ainda hoje *no homem* sem Deus, que se torna desumano, *no amor*, que se disfarça de egoísmo e de ódio, *na comunidade* quando não é verdadeira fraternidade, *na política*, que serve classes e partidos mais do que todos e cada um dos homens, e *na Igreja* quando não é uma Igreja visceralmente evangélica e libertadora de todas as opressões.



## Acolhimento de Jovens em Fátima

Nos dias 12 e 13 de Maio

Ao Santuário de Fátima acorreram milhares de cristãos no intuito de viverem as cerimónias da Peregrinação de 12 e 13 de Maio e, assim, construírem « a civilização do amor ».

Entre esses milhares e milhares de peregrinos destaca-se a presença de centenas de jovens.

Para possibilitar à juventude ali presente uma maior reflexão, um diálogo mais frutífero, o Santuário organizou, em colaboração com o Secretariado Nacional da Educação Cristã da Juventude e com a Equipa da Juventude de Leiria, um Centro de acolhimento para jovens.

Ali estiveram dezenas de jovens que tomaram contacto com outros jovens das mais variadas zonas de Portugal. Dos grupos ali presentes recordamo-nos dos seguintes: Minas da Panasqueira (Fundão), Coimbra, Lisboa, Carnide, Marrazes, Pombal, Leiria...

Após as respectivas apresentações foram propostas várias pistas de diálogo e de reflexão:

- tensões sociais e reconciliação;
- conflito de gerações e hipótese de aproximação;
- a perda da fé e a caminhada ao encontro de Cristo;

Os jovens presentes escolheram voluntariamente os temas para a sua reflexão e

constituíram grupos consoante as escolhas. As pistas escolhidas foram as seguintes: — tensões sociais e reconciliação; — a perda da fé e a caminhada ao encontro de Cristo;

As conclusões a que chegou cada grupo foram, posteriormente, discutidas e partilhadas pela totalidade dos presentes, em plenário. Ao efectuarem a sua autocritica os jovens ali presentes como que assumiram um compromisso: tomar consciência de que na realidade « amar é compreender o irmão ».

A finalizar o período de acolhimento efectuou-se uma Celebração Penitencial que foi, podemos dizê-lo sem margem para dúvidas, vivida e conduziu muitos jovens ao encontro, à reconciliação, com Cristo e com os homens. No momento oportuno, o P.º Vítor Feytor Pinto, na qualidade de presidente da mesma celebração, apresentou as suas reflexões acerca da reconciliação.

Fátima presentemente está a tornar-se local de encontro, de partilha, de reflexão dos jovens, o que está a levar os responsáveis pelo Santuário a criar espaços onde lhes seja possível concretizar estas iniciativas.

(Um jovem da Equipa de Leiria que participou no acolhimento)

## Quem nos manda opiniões

Uma vez mais a VELADA NOCTURNA foi objecto de apreciações muito diferentes. Talvez mais pela NOVIDADE do que pelo ESPÍRITO. Seja como for, Fátima é lugar de oração e as vigílias nocturnas são um tempo MUITO ESPECIAL de oração. Daí a necessidade de as aproveitarmos em cheio. Daí o interesse em sabermos o que pensam os peregrinos que nelas participam. Ousamos pois, pedir, encarecidamente, aos que estiveram presentes na noite de 12 para 13 de Maio passado que nos mandem a sua opinião. Para mais facilidade basta que nos respondam às seguintes perguntas:

1. Acha que houve autêntico AMBIENTE DE ORAÇÃO na velada?
2. Que pensa das projecções luminosas diante do Santíssimo?
3. Que outros aspectos acha dignos de apreciação crítica quer na velada quer nos restantes actos da peregrinação?

Peregrino, responda-nos! Mande a sua resposta para: REITORIA DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA — FÁTIMA. E desde já o nosso muito obrigado.

## RETIRO DOS DOENTES

De 10 a 13 de Maio realizou-se o primeiro retiro de doentes de Portugal organizado pelo Santuário de Fátima.

Participaram neste retiro 54 doentes. Dos actos do programa salientamos a Missa na capela do Calvário com a participação de centenas de peregrinos. Foi edificante a maneira como estes doentes, alguns em estado bastante sofredor, aproveitaram o Retiro. Para muitos foi o primeiro da sua vida.

Por falta de espaço não nos é possível transcrever todos os testemunhos de vários doentes.

Apenas daremos 4 e ainda o de um Sacerdote:

«Temos muito que agradecer ao Santuário de Fátima e a todos quantos nos proporcionaram este retiro, pois foi o primeiro que fiz na minha vida, e vou daqui com mais coragem para levar a cruz da minha doença».

«Na capela do Calvário enquanto aguardava a chegada de todos os enfermos, uma doente rezava o terço, agradecendo a Nossa Senhora o retiro, pois é o doente quem melhor vive a mensagem de Nossa Senhora em Fátima»

«Ao chegar à minha terra vou convidar

outros doentes a virem aqui fazer também o seu retiro. Sou pobre. O Santuário quis oferecer-me gratuitamente a estadia assim como à pessoa que me acompanhou. Agradeço aos peregrinos que deram a sua oferta para nos proporcionarem estes retiros que tanto bem vão fazer aos doentes de Portugal. Dou 500 pois não posso dar mais».

«Sou do Norte. Quando me falaram em retiro mostrei interesse em vir. Mas tive de pôr de parte este desejo, pois não tinha dinheiro. Alguém, cujo nome não posso dizer, bateu um dia à minha porta e entregou-me um envelope dizendo-me: aqui tem o necessário para a sua viagem».

«De todas as iniciativas que a Reitoria do Santuário tem tido, esta é de relevante importância, pois vai ao encontro dos irmãos crucificados na vida, identificados com Cristo, na Redenção e Salvação das Almas». (Um sacerdote)

Muitos mais testemunhos poderíamos transcrever se tivéssemos espaço. Agradecemos a todos quantos colaboraram no trabalho deste retiro.

Mais uma vez lembramos que estes re-

tiros vão continuar todos os meses até Outubro, com início no dia 10 às 5 horas da tarde e até ao dia 13, podendo os doentes e pessoas acompanhantes em caso de necessidade, ficarem para o dia 14.

Aos doentes interessados pedimos que não venham sem terem recebido resposta a confirmar. Para isso é preciso que nos escrevam o mais tardar até ao dia três, mandando logo os dados seguintes: 1. nome; 2. idade; 3. estado; 4. residência (direcção completa, se possível com o número de telefone); 5. doença de que sofrem; 6. se precisam de acompanhante e, em caso afirmativo, se o trazem consigo; 7. Recomendação de um sacerdote conhecido, se possível do próprio pároco.

Claro que a velhice, só por si, não pode considerar-se como doença! E só podemos receber 35 doentes em cada mês.

Desde que nos escrevam a tempo, receberão resposta também a tempo. Aconselhamos que procurem vir nos meses de menor afluência, para maior recolhimento durante o retiro.

E não se esqueçam de que este Serviço de Retiros para Doentes precisa da oração e do sofrimento de todos. A fim de que o Senhor nos conceda, por eles, a saúde, a suavidade e a paz.

## Acolhimento aos Peregrinos a Pé MAIO / 76

Actualmente o homem virou-se para a fundação de movimentos com a esperança de uma maior integração do ser humano na vida social. Uns não passam de puros «abortos»; outros, ao contrário florescem graças ao rumo tomado e ao empenhamento dos seus componentes.

O «Acolhimento aos Peregrinos a Pé» surgiu, e este é o seu segundo ano de existência.

Meia centena de pessoas, desejosas de partilhar com o peregrino da sua experiência de Fátima, compõem este movimento, que não é mais do que uma actividade ao serviço do outro. Aqui, o outro é todo aquele ou aquela que a pé «traga» quilómetros e quilómetros, na ânsia de cumprir algo que prometera ou simplesmente de fazer penitência.

Narrar o estado do corpo e da alma em que eles aqui chegam é-me impossível. Certo estou que necessitam de repouso e, em Fátima, onde arranjar abrigo no 13 de Maio? Quem pode despende...? Quem? Doloroso é ver essa gente repousar em pleno recinto do Santuário. Se o tempo ajuda ainda se compreende mas, com o tempo invernosos...

Em concreto, a nossa actividade consiste, com a ajuda do Santuário e de casas religiosas, em dar algo, material e espiritual. Material: desde o alojamento, passando pela ajuda necessária, pessoal, e terminando nas refeições: café e sopa.

Espiritual: não consigo definir esta doação, pois é pessoal, mas sei que tem como fundamento a Mensagem de Fátima. Nem tudo são rosas, e a verdade é que neste mês encontramos «espinhos».

Deparamos com um número elevadíssimo de Peregrinos. Lutamos com a escassez de casas de acolhimento e com falta de material para acolher.

Pode-se dizer que a grande maioria aceita esta actividade: «Admiro este vosso trabalho, aceito e agradeço».

Outros há que dizem: «Eu tinha vergonha de receber isso!»

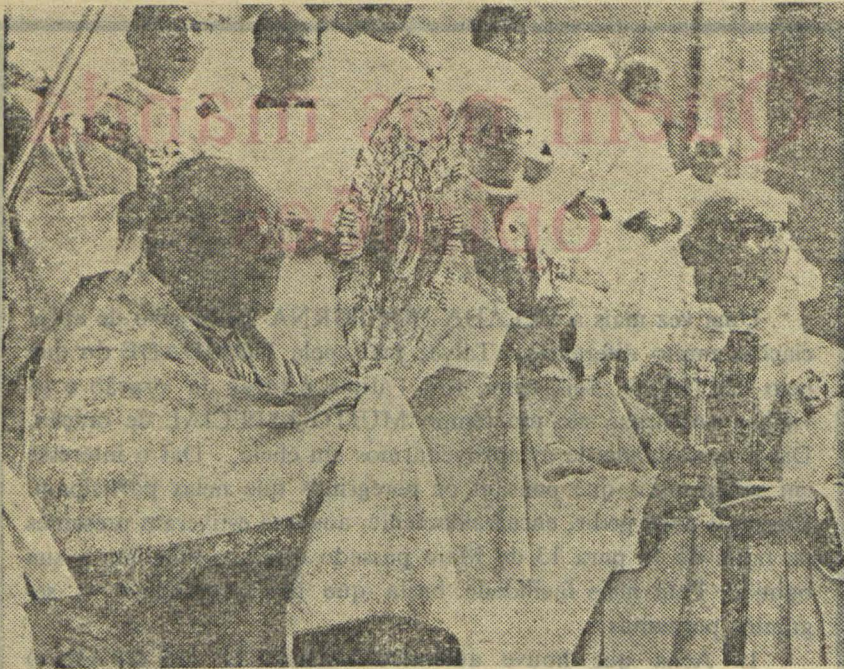
A simplicidade e a gratuidade de tudo quanto colocamos ao dispor dos Peregrinos é a razão destas duas atitudes.

J. L. P.

Doentes que participaram no Primeiro Retiro de Doentes de Portugal







## Reflexão para a bênção dos doentes

Meu irmão doente

*Temos esperança de que o Senhor te dirá hoje, também a ti, esta palavra que acabaste de ouvir ler no Profeta Isaias. Porque o Espírito do Senhor também desce sobre ti. E, tal como ao profeta, também a ti o Senhor envia a anunciar a Boa-Nova. Boa-Nova que se chama hoje: A Civilização do Amor.*

*Estamos em tempo pascal, e não há dor que se perca na realidade cristã da ressurreição. Estamos em 13 de Maio, a comemorar aquele pedido, que é uma graça, de Nossa Senhora para todos nós: Quereis oferecer-vos a Deus pela salvação do mundo? Tu sofres toda a dor da tua fragilidade; mas não há dor que se perca no coração daquele que está atento ao apelo da Mãe neste lugar bendito da Cova da Iria.*

*Anda, irmão doente, nós vamos todos rezar contigo e por ti. Para que o Senhor te liberte das tuas dores, dos teus fracassos, dos teus desesperos, dos teus desânimos, da tua impotência. Mas pediremos sobretudo que, neste mundo em que o amor se apaga, faça de ti uma fonte de amor e de paz. O Senhor sabe bem que no fundo do teu coração — e não na sabedoria, e não no poder dos grandes — é que está o segredo da Civilização do Amor.*

*O Espírito do Senhor repousa sobre ti. Acolhe-o no silêncio e na generosidade do teu coração. E assim serás o primeiro artífice da Civilização do Amor.*

## SAUDAÇÃO AOS PEREGRINOS FEITA PELO SENHOR BISPO DE LEIRIA NO INÍCIO DA PEREGRINAÇÃO

Irmãos, temos connosco nesta peregrinação, o Senhor Cardeal Baggio, vindo de Roma.

Vamos iniciar os actos comunitários da nossa peregrinação em humilde e fervorosa oração:

Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo.

R. Amen.

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Amor do Pai e a Comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

R. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

Sim, irmãos, foi o amor de Cristo que nos conduziu aqui, a esta Cova da Iria, junto pa Capelinha que assinala o local exacto das Aparições da Virgem Santíssima. Amar a Cristo é amar os que Ele ama, e nós sabemos que Ele ama a Sua Mãe entranhadamente como jamais alguém pôde ou soube amá-La. Deste modo, o nosso amor a Maria é expressão do nosso amor a Cristo. Viemos de muito perto e de muito longe, de Portugal e de outras nações irmanados na mesma fé, na mesma esperança e no mesmo amor. Chegamos aqui fatigados das longas caminhadas; trilhamos caminhos de oração e de penitência, que outros não podem ser os caminhos que a Fátima conduzem. Mas viemos de alma faminta, faminta de luz e de graça que o Senhor, pelas mãos de Maria, deseja derramar abundantemente sobre cada um de nós. Viemos de alma a transbordar de gratidão porque o Senhor, por intermédio de Sua Mãe Santíssima, nos tem cumulado de dons inefáveis; viemos também implorar a Omnipotência Suplicante de Maria em favor de todas as misérias e carências humanas, nossas ou dos irmãos, que Ela é a Mãe da Divina Graça, Refúgio de pecadores, nossa advogada e nossa esperança.

Viemos meter de novo dentro da alma, a sua mensagem, mensagem evangélica de salvação para o mundo moderno, para ti e para mim, para todos nós, mensagem de amor para edificar sobre a terra a «civilização do amor».

Falai, Senhora, que os vossos filhos vos escutam!

## SAUDAÇÃO AO SENHOR CARDEAL BAGGIO FEITA PELO SENHOR BISPO DE LEIRIA

Senhor Cardeal Baggio,

Vem à Cova da Iria Vossa Eminência, como simples e humilde peregrino, sem qualquer carácter de representatividade. Vem singelamente, um entre os demais, rezar connosco, louvar e implorar a Virgem Santíssima, aparecida aqui na Serra de Aire, para anunciar ao mundo toda uma mensagem de salvação. Missionária da Trindade, por insondáveis designios do Pai, ela veio fazer aqui a chamada universal à conversão, à re-criação dos homens em Cristo, sob a acção renovadora e transformadora do Espírito Santificador. Este é um dos lugares privilegiados onde passa mais forte e mais rijo o sopro do Espírito Santo, solidário com Jesus e Sua Mãe na obra da salvação.

Vindo de Roma, a presença aqui de Vossa Eminência leva-nos espontaneamente a pensar na pessoa augusta e venerável do Santo Padre que também um dia, «peregrino humilde e confiante» se lançou aos caminhos de Fátima, cruzou estes céus e estas terras. Aqui rezou com ele Portugal inteiro e muitas nações do mundo, em união espiritual. Aqui rezámos todos a pedir à Virgem «uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja Santa» (Homilia da concelebração); Aqui suplicámos, em oração fervorosa, os frutos do Espírito Santo, enumerados pelo Apóstolo Paulo aos Gálatas: «Caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança» (Gálat., V, 22).

Aqui rezámos pela paz no mundo, por este nosso mundo dilacerado por tantos conflitos e ódios, que espalham a divisão e a morte; por este nosso mundo que se precipita vertiginosamente em abismos de destruição e de aniquilamento. Nesta esplanada da Cova da Iria ressoam ainda, ressoarão sempre como repetidas badaladas de sino as palavras proféticas do Papa: «Homens, sede homens; homens sede bons; sede cordatos; abri-vos à consideração total do mundo; homens sede magnânimos;... pensai na gravidade e na grandeza desta hora que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura» (Homilia da Concelebração).

Atentos e dóceis aos ensinamentos do Papa, na sua catequização pós-jubilar, também nós escolhemos para tema da nossa prece e reflexão, nas grandes peregrinações, a «civilização do amor». Nesta hora em que tantos humanismos pretendem inutilmente salvar o homem pelo homem, nós acreditamos que só no nome de Jesus pode o homem ser salvo. É que o homem ultrapassa infinitamente o homem e só Deus, verdade suprema, bem sumo, pode cumular todas as suas aspirações de felicidade e grandeza. Só Ele pode preencher todos os vazios e solidões do homem, Ele que é comunhão inefável de amor infinito. Só Deus é maior que o nosso coração.

Seja bem-vindo ao meio de nós, Senhor Cardeal Baggio. O humilde bispo de Leiria abre-lhe de par em par as portas deste Santuário onde se levanta o altar-mor de Portugal e porventura do mundo; abre-lhe as portas do seu coração de amigo e de irmão.

Digne-se Vossa Eminência assumir a presidência da peregrinação, a partir deste momento, dirigindo-nos a sua primeira palavra e dando-nos a primeira bênção.

## RESPOSTA DO SENHOR CARDEAL BAGGIO

— Como justamente acentua Sua Excelência, nesta fervorosa assembleia de peregrinos e de devotos recolhidos em volta de Nossa Senhora para comemorar o aniversário da Sua visita a esta lugar e das palavras que nos dirigiu, na pessoa dos três pastores, aquilo que distingue e aquilo que conta não é a categoria social, o prestígio da personalidade nem sequer a dignidade eclesial.

Todos vimos aqui numa atitude de pecadores, de penitentes, de pessoas que rezam e oram, de filhos que têm necessidade do conforto e do encorajamento da Mãe.

O que conta e o que caracteriza a preferência é a intensidade da fé, a profundidade e a vastidão da nossa necessidade, a capacidade de amar e de sofrer, a humildade, a generosidade na comunhão.

— O nosso olhar e as vibrações do nosso coração têm aqui uma só meta: Maria, a Senhora na manifestação do seu coração imaculado.

Mas não podemos pensar na Virgem Mãe de Deus sem pensar no Papa. Nossa Senhora e o Papa são dois artigos da nossa fé católica inseparáveis e qualificantes, que nos fazem viver com mais prontidão e evidência no mistério de Deus feito homem, encarnado, que entrou na nossa história e na nossa vida.

Trago-vos a presença espiritual e a bênção do Papa Paulo VI, o Peregrino de Fátima — e, acrescentarei, o Peregrino de Cagliari, o mestre, o apóstolo, o missionário, o exemplo do amor e do culto a Nossa Senhora.

— Unidos a Nossa Senhora e ao Vigário de Cristo, vimos aqui para viver com particular intensidade um momento da nossa comunhão com a Igreja e com a humanidade.

Mas não em abstracto mas sim na realidade do trabalho, do sofrimento, da perseverança, do compromisso e da esperança com que a Igreja e a família humana percorrem o seu caminho em cada um dos nossos países, das nossas cidades e aldeias, das nossas famílias, dos nossos ambientes de trabalho e cultura, de acção cívica e política, das nossas comunidades eclesiais. Temo-las no coração. Rezaremos juntamente para que Nossa Senhora nos assista e nos proteja na santa e grande empresa de dar vida à civilização do amor, proclamada como fruto do ano santo pelo Papa Paulo VI.

## Os Peregrinos de Fátima e as vítimas do terramoto na Itália

No dia 12, quando o cardeal Baggio se dirigiu aos peregrinos de lingua italiana presentes em Fátima, manifestou sentimentos de compaixão e de viva ansiedade pelas vítimas da grande catástrofe que no dia 6 de Maio atingiu a região nordeste da Itália, em que um grande terramoto devastou vilas e aldeias provocando cerca de um milhão de mortos e mais de 100 mil pessoas sem abrigo e prejuízos materiais incalculáveis. O terramoto atingiu também uma vasta região da Jugoslávia causando igualmente enormes prejuízos. Sua Eminência pediu nessa altura as orações de todos os peregrinos em sufrágio dos mortos e de solidariedade cristã pelos que estão sofrendo os efeitos de tão horrível catástrofe.

A VOZ DA FÁTIMA não pode deixar de registar estes sentimentos de caridade para com os nossos irmãos que sofrem e pede aos seus leitores a união nos mesmos sentimentos.



# Homilia de D. António Marcelino

## PEREGRINAÇÃO, TEMPO DE CONVERSÃO

Irmãos, Peregrinos.

Estamos de novo em Fátima, vindos de todos os recantos do País e mesmo do estrangeiro. Trazemos connosco problemas, preocupações, desejos profundos. Animados a esperança como peregrinos, de que a nossa fé se sentirá estimulada aqui pela bênção maternal de Nossa Senhora e pelo encontro com muitos milhares de irmãos.

Mas uma peregrinação é um tempo de conversão interior, pessoal e colectiva, e não devemos perder esta ocasião de graça, para nos abirmos aos apelos de Deus. Cada um sentirá, a seu modo, estes apelos, mas Deus toca decerto, por dentro, cada um de nós e espera uma resposta generosa. Ele lê no fundo dos nossos corações...

Não deixemos que a Graça passe em vão. Amanhã, terminada a peregrinação a Fátima continuará a peregrinação da vida do dia a dia e é fundamental que a façamos pelos Caminhos de Deus ou que tenhamos viva consciência de que Deus vai connosco pelos nossos caminhos.

Para além do que de pessoal e íntimo tem a Fé, não devendo nós deixar que esta realidade perca a sua força e sentido para a nossa vida, — há também compromissos comuns sobre os quais aqui devemos reflectir (e o momento é para isso propício), com a preocupação de que a nossa Fé comum seja igualmente força renovadora da Igreja e da nossa sociedade.

Sabemos que esta grande peregrinação nos pretende mobilizar, a fim de que demos contributo sério ao apelo e desejo de Paulo VI há meses expresso. — «VAMOS CONSTRUIR A CIVILIZAÇÃO DO AMOR», disse o Papa, num grito que pretendia comprometer os cristãos do mundo inteiro de modo que, no meio da «inquietação e das implacáveis lutas sociais seja dada ao mundo a desejada transformação da humanidade, finalmente cristã» (Paulo VI em 24-XII-1975), ou inspirada nos valores cristãos e evangélicos.

## SITUAÇÕES DE INJUSTIÇA

Não é preciso que pensemos muito, para verificarmos a «carência de amor» — traduzida em doloridas separações ideológicas, que atingiram até famílias, em violências premeditadas, realizadas e justificadas em sobreposição dos interesses particulares ao bem comum — ou às possibilidades reais do bem para todos —, em desconfiança mútua que cada dia se agrava, em crescente marginalização de pessoas e de grupos, em insensibilidade perante situações graves no mundo do trabalho e da convivência social. Já se chegou entre nós, em alguns momentos, a pôem-se os interesses económicos, acima do direito à vida e da assistência, incondicional, a doentes graves.

Já se defendeu publicamente o direito de dispor, arbitrariamente, da mesma vida humana com fundamento em razões, que devem ser apelo para a procura constante da defesa do direito sagrado de existir e nunca para justificar a saída de situações graves pelos caminhos mais fáceis.

Num século em que a solidariedade para com o próximo, parece ser um dos «sinais dos tempos» mais evidentes e com maior retumbância mundial, entre nós teimase afincadamente em negar a alguns, quaisquer que eles sejam, essas expressões de solidariedade, para incutir a vingança imprópria de uma sociedade de homens rectos e honestos.

Não é verdade que já somos livres, pois que continuam as opressões e intimidações, as manipulações das pessoas e da opinião pública, a legalização e imposição pela força, em muitos casos em que falta a razão, o direito e onde o diálogo respeitoso, mas franco, devia ser caminho indiscutível.

Está em causa o «amor» na nossa sociedade, e as vítimas desta crise são sempre e mais uma vez as pessoas, nomeadamente os mais fracos e débeis de sempre ou aqueles

que as convulsões sociais tornaram agora mais débeis e desprotegidos.

Tudo isto se traduz, concretamente em casos de desespero e de angústia, de resignação passiva e de abandono, de miséria pública ou encoberta, de inquietação e de desagregação interior, de desconfiança crescente das pessoas, das ideologias e das instituições.

Tudo isto nos toca um pouco a cada um e é, muitas vezes, ambiente de respiração obrigatória que, se nalguns sítios chega à intoxicação, noutros actua de modo mais benigno, mas não menos contagiante.

É verdade que neste contexto não faltam também valores positivos e aquisições irreversíveis que é justo ter presente.

Talvez que sejam até os valores de toda uma nova situação, já começados a experimentar, que tornam mais dolorosos os desvios e mais escandalosas determinadas atitudes.

## VAMOS CONSTRUIR A CIVILIZAÇÃO DO AMOR

Não teria eco em nós o apelo do Papa — «VAMOS CONSTRUIR A CIVILIZAÇÃO DO AMOR» se não passassem pela nossa vida as carências da nova Civilização e, ao mesmo tempo, a experiência interior de novas capacidades, pessoais e comunitárias que, postas a actuar, podem mesmo ajudar a construir essa Civilização e a debelar progressivamente as inegáveis manifestações que, numa perspectiva evangélica, não podemos deixar de classificar de profundamente negativas.

VAMOS CONSTRUIR! — é uma imperativo. Não podemos permitir que se construa à nossa margem uma sociedade que também é nossa. Nós os Cristãos desta hora, se não dermos um contributo positivo para a edificação de uma sociedade que corresponda melhor ao plano de Deus, que passa necessariamente pela instauração do maior respeito pela pessoa, pela criação de melhores condições de vida, pela possibilidade efectiva de mais justiça, mais verdade, mais igualdade e mais paz, cometeremos grave pecado de omissão com consequências históricas imprevisíveis.

Connosco ou sem nós uma nova sociedade se está construindo. Mas se se construir sem nós, é muito normal que surja contra nós. Ninguém pode sentir-se desmobilizado nesta hora de reconstrução! Ninguém pode pensar que é tarefa que o ultrapassa! Cada um tem de descobrir o seu concreto campo de acção, no qual sobretudo se julgam as decisões que darão a fisionomia ao nosso mundo concreto.

É «Construir» em bases sólidas e em alicerce fundamentado o que nós pretendemos e queremos. É a base e alicerce é Cristo. Só Ele e a sua verdade.

Nem outra pretensão pode ter um Cristão para quem a fé, sendo uma Graça, é também uma exigência muito séria.

«Aquele a quem muito é dado, muito será pedido», diz o Evangelho. O cristão não tem por missão julgar o mundo, mas sim ser fermento activo de permanente renovação desse mesmo mundo, de que faz parte.

«VAMOS CONSTRUIR!» — Não pode ser este um imperativo que se traduza em actos episódicos que descarnem a nossa consciência, mas sim em atitudes e empenhamentos «vindos de dentro» e que vão de encontro às causas do mal, que dificultam ou impedem uma vida digna numa sociedade justa.

É que é mesmo uma «nova civilização» como nos aponta o Papa, o que temos de construir. Há que atingir, portanto, o conjunto dos conhecimentos, dos costumes e das instituições que integram a vida de um povo em sociedade. Uma civilização centra-se no homem como cidadão que goza da plena consciência dos seus direitos, deveres e valores.

A civilização em que nos empenhamos queremos que seja a única em que os cristãos se podem e devem mesmo empenhar — A CIVILIZAÇÃO DO AMOR.

Há outros empenhados em construir civilizações concorrentes. Vejamos o assalto às escolas e centros de formação; com a imposição da ideologia única. Vejamos a orientação de uma só dimensão a que se têm sujeitado muitos meios de comunicação social (imprensa, rádio e televisão); vejamos a programada difusão da pornografia e da droga (tantas vezes lamentada em público pelos mesmos que a promovem em segredo.)

Está de facto em jogo no mundo de hoje e muito concretamente no nosso país, a construção de uma nova civilização.

Para o cristão, a opção está feita. Quem já optou por Cristo e pelo seu Evangelho, optou pela lei extraordinariamente exigente, mas a única verdadeiramente libertadora, que é a «lei do amor», que traduz em acções concretas a misteriosa realidade do amor com que Deus ama os Homens e cada Homem e ama o mundo, para o serviço e promoção do mesmo Homem. Acções concretas que levam à compreensão de que esse amor de Deus e a Deus, se completa no amor do homem pelo seu semelhante sem distinção de raça, cor, cultura, ideologia ou religião.

O amor de Deus e do próximo, tal como o cristão o deve sentir e viver, não é como dizem aqueles que pretendem julgar e limitar à dimensão humana as realidades sobrenaturais ou apenas sabem equacionar o progresso em termos de economia, impedimento para a solução dos problemas graves da sociedade. Muito pelo contrário este amor constitui a maior força renovadora das pessoas e das sociedades. A História de ontem e a realidade de hoje continuam a mostrar que assim é. Se é inconsequente para a renovação da sociedade o compromisso evangélico dos cristãos, então porque procuram os que isso afirmam, calar a Igreja e impedir, por tantos modos, que os cristãos se afirmem como tais?! É ridículo perder tempo e energias a combater, na sociedade, aquilo que, de antemão, se tem, como ineficaz ou incapaz de qualquer solução social válida...

Nós cristãos, porém, saberemos do que somos capazes, não arremetidos sob bandeiras partidárias ou mobilizados ao

jeito de cruzada, mas unidos na coerência da fé em Jesus Cristo, se nos empenharmos «em chegar a atingir e como que a modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que se apresentam já entre nós em contraste com a palavra de Deus e com o desígnio de salvação» (Ev. Nunt. 19).

## O CRISTÃO, FERMENTO DA SOCIEDADE NOVA

A palavra de Deus que acabou de ser proclamada mostra-nos na 1.ª Leitura dos Actos dos Apóstolos, a força renovadora das primitivas Comunidades cristãs no seio da sociedade humana em que viviam. Unidos na Palavra, na Oração, na Eucaristia, na partilha de bens, convenciam...

É esta realidade repete-se hoje. É necessário que se multipliquem por todo o lado estes fermentos do Evangelho. É assim que a proposta cristã, aparece com a sua originalidade e com a sua força de convicção. Será assim que se tornará realidade palpável a palavra de Santo Agostinho de que «a Igreja tem por vocação e por missão ser a «alma do mundo». E nós queremos que a Igreja, em Portugal, seja alma da sociedade nova que se forma. São João no Evangelho, reproduzindo palavras de Cristo a Nicodemos, vem recordar-nos a força em que tem de assentar o nosso empenhamento e a nossa responsabilidade na construção da «Civilização do Amor». O amor louco e misterioso de Deus que nos deu (e a dádiva continua) o Seu Filho único, Jesus Cristo, para que viva o que Nele crê. Deu-no-lo não para condenar o mundo, mas que o mundo seja salvo por Ele.

A CIVILIZAÇÃO DO AMOR, irmão, comporta já necessariamente esta realidade — «o mundo salvo e não condenado».

E a salvação traduz-se pela instauração de todas as formas de vida e de convivência social que são consequência «da liberdade com que Cristo nos libertou». Sem Cristo, jamais haverá liberdade plena e interior... E sem esta liberdade o mundo jamais estará salvo!

(Conclui no próximo número)

## Celebração do Rosário

No dia 13, das 7.30 às 8.30, a multidão dos peregrinos, congregada em volta da Capelinha, recitou o terço e meditou ainda, nos cinco mistérios, sobre a civilização do amor. Como se recitaram os mistérios gozosos, a reflexão incidiu sobre a família cristã e sua missão na construção da civilização do amor.

— A verdadeira família humana e cristã terá de ser uma família de amor como o foi a sagrada família de Nazaré.

Como Deus, a Igreja quer que todas as famílias sejam famílias de amor. É precisamente em nome do amor que a Igreja não pode consentir no aborto, no divórcio, nas experiências sexuais pré-matrimoniais e numa sexualidade egoísta por estes actos semearem a morte e arriscarem o desprezo da pessoa humana. Quando uma família é verdadeiramente uma família de amor, então o amor gera vida e a vida e o amor geram o futuro, um futuro melhor, um futuro salvador. Quem defende que a família é uma instituição ultrapassada o que está a defender é que o homem e a mulher são incapazes de se escolherem e de se amarem para sempre. Esses negam a fidelidade que só se pode fundamentar no amor. Ora, se Deus é amor, quer que o homem, feito à Sua semelhança, seja e viva também de amor. A família cristã não é uma consequência da sexualidade apenas, mas é um mistério de amor. Sem uma família de amor também não será possível uma civilização de amor.

Por outro lado, os pais devem estar conscientes da sua missão de educadores natos e insubstituíveis. Os pais portugueses devem, hoje e agora, reflectir seriamente sobre o Parecer do episcopado português sobre alguns aspectos dos actuais programas dos ensinos básico e secundário, pois estão correndo o grave risco de verem seus filhos ensinados e educados à base de programas deficientes, unilaterais, deformadores e materialistas. Os pais não são meros reprodutores de filhos para o Estado; o corpo humano não é apenas uma máquina; o homem não é só corpo; os valores espirituais contam mais ou pelo menos tanto como os corporais; o amor oblativo do homem e da mulher não podem ser esquecidos... Em suma, o amor deve poder crescer na família para que possa crescer nos novos seres humanos que vão entrando na vida e são chamados a ser filhos de Deus.

Urge educar para o amor universal, para o amor de todos os homens. Amar não é dar dinheiro, não é dar esmola. Amar é dar-nos-nos nós mesmos aos irmãos e sobretudo aos mais necessitados: os marginalizados, os drogados, os divorciados, os órfãos, os velhos, os doentes, os ignorantes, os atolados na prostituição, os sem-fé... A civilização do amor será assim ao mesmo tempo uma civilização plenamente humana e uma civilização plenamente cristã e evangélica.

A. P.



# HOMILIA DO CARDEAL BAGGIO

(Continuação da 1.ª página)

rições de Fátima, mas esta vibrante assembleia litúrgica, de doentes, de peregrinos, de devotos, tão sensível à espiritualidade de Fátima não terá deixado de individuar as suas raízes nos três grandes momentos da história da salvação sobre os quais nos demorámos em reflexão, e nos quais está presente a Mulher, a Esposa, a Mãe, a Imaculada. Fátima é de facto como autorizadamente foi definida, «um evangelho abreviado», intuitivo, vivido, que a Senhora nos ofereceu com extrema simplicidade, na esteira do Evangelho revelado, com maravilhosa e intransigente coerência e com inexaurível profundidade.

Como no Evangelho, no Génesis e no Apocalipse, encontramos em Fátima envolvidos por uma atmosfera que conquista a inteligência e enche os corações, mas na qual não bastam a lógica e o sentimento para arrecadar toda a realidade, se não se apela para a fé. Nas maravilhosas descrições bíblicas que meditamos não estamos certamente fora da história, como o não estamos também nas aparições de Nossa Senhora nestes lugares sagrados. Todavia a história, por mais que se esforce de ser objectiva e atenta, não é suficiente para poder explicá-las. Antes, para a história e sobretudo para uma história que se presume de poder ler, aplicando critérios filosóficos rigorosamente ateus, como hoje se costuma fazer, aqueles episódios e aqueles símbolos parecem desconcertantes, quando não absurdos. Mas quem reconhece e procura na história a presença misteriosa de Deus, a sua constante e amorosa providência, não se maravilha de que os acontecimentos de que foram protagonistas os três pastorinhos na então desconhecida aldeia que hoje hospeda esta imensa multidão, possam incidir na sorte espiritual e mesmo temporal de uma ou de muitas comunidades de povos e que as suas consequências morais, sociais e religiosas possam investir toda a Igreja, como uma benéfica torrente de graças. Disto, há nove anos atrás, deu o testemunho mais solene o Augusto Pontífice, ao fazer-se aqui peregrino entre os peregrinos para confiar a Nossa Senhora, no santuário onde Ela quis manifestar com maior evidência a sua solicitude maternal, as suas preocupações universais pela unidade, pela santidade e pela fidelidade da Igreja, e pela paz no mundo.



Ainda mais evidente e mais impressionante é a conexão da mensagem de Fátima com a realidade histórica e teológica dos acontecimentos do Éden e do Calvário dos quais partimos nesta nossa comum reflexão sobre a palavra de Deus.

—O mal que se desencadeia e a bondade infinita de Deus que não se deixa vencer pelos seus insolentes desafios; a expiação de culpáveis e de inocentes que se insere no plano de Deus para contrastar a agressão implacável do pecado; a solidariedade de todos os homens na paternidade de Deus que nos faz a todos irmãos e na sua misericórdia que nos salva, numa maravilhosa sucessão de factos que parte desde o primeiro ao novo Adão, Cristo, da primeira à nova Eva, Maria; o diálogo de amor e de perdão que se sobrepõe à crueldade, à traição, ao escárnio que se desencadeiam

contra o Justo; a esperança e a paz que brotam da humilhação, do sacrifício e da dor, na cruz e na ressurreição, as duas faces do mistério pascal, são temas universais e eternos que as aparições da Senhora em Fátima, as suas revelações, os seus conselhos e as suas confidências a Lúcia, a Jacinta e a Francisco, repuseram aos homens do nosso século com uma linguagem tão humilde e popular como persuasiva e comovente. De há bem mais de cinquenta anos eles inspiram a meditação e a oração, a penitência, a conversão e a orientação da vida; suscitam a piedade, a caridade, a abnegação, o serviço e a bondade por vezes em grau heróico; infundem conforto e alegria; despertam a consciência da comunhão eclesial e da solidariedade humana de inumeráveis fileiras de devotos e de peregrinos de toda a condição, espe-

cialmente dos pobres e dos que sofrem que se sentem irresistivelmente atraídos.

«O homem sagrado pela inocência da sua infância, pelo mistério da sua pobreza, pela piedade da sua dor», objecto da solicitude e da imensa simpatia do Concílio Vaticano II, como afirmava Paulo VI no encerramento da sua última sessão, é também o protagonista privilegiado das peregrinações de Fátima, que são por vezes o termo de jornadas incrivelmente fatigantes, longas e extenuantes. E Nossa Senhora parece incessantemente repetir a estes abnegados peregrinos como também a nós, que nos sentimos confundidos diante da sua generosidade e do seu sacrifício, a solene proclamação de seu Filho divino na sinagoga de Nazaré: «O Espírito do Senhor mandou-me a evangelizar os pobres, a sarar os contritos de coração». (Lc. 4, 18)

## 5. O MARIA, AJUDA-NOS A COMPREENDER! (Paulo VI)

«Ó Maria, ajuda-nos a compreender!», exclamava Paulo VI, invocando Nossa Senhora numa fervorosa e ardente oração, durante o Sínodo Extraordinário dos Bispos de 1969. Unidos numa idêntica vibração de piedade ao coração do Papa, o apóstolo incansável, o mestre iluminado do culto de Maria, rezemos nós também: «Ó Maria, ajuda-nos a compreender que, se o conhecimento, a ciência e acção são a vocação do homem, vocação ainda mais alta são a fé, o amor, a contemplação».

Ajuda-nos a compreender que, se as forças do mal parecem ter via livre a operar no homem e no mundo sem fronteiras e sem limites, se a sua audácia e a sua violência parecem abarcar tudo e se a suas alianças e a suas complicitades parecem ser cada vez mais vastas e desconcertantes, Deus permanece fiel ao seu pacto de amizade. Ajuda-nos a perceber que são sempre válidas, verdadeiras e actuais as palavras do teu cântico sublime: «A sua misericórdia de geração em geração se estende sobre os que o temem. Pôs em acção a força de seu braço, dispersou os soberbos com os desígnios que eles conceberam» (Lc. 1, 50-51).

Ajuda-nos a compreender o que a experiência nos põe cada dia diante dos olhos e que tu ensinaste aos pastorinhos de Fátima, que sem temor de Deus a civilização do bem estar, de que somos tão orgulhosos, degenera irremediavelmente numa civilização do mal estar.

O Maria, ajuda os aflitos, os que sofrem, os arrependidos, os pobres, os esquecidos, os penitentes que aqui vêm, cheios de confiança e de esperança para compreenderem que a sua dor, a sua desolação, as suas privações, as suas penitências, as suas situações penosas e trágicas que fora da fé se apresentam como inexplicáveis lacerações do ser, são, pelo contrário, para eles e para todos nós, uma página luminosa, escrita com lágrimas e sangue, ao lado daquela fundamental que escreveste tu, no livro da redenção.

AMEN!

# DESPEDIDA

Senhor Cardeal Baggio

O bispo de Leiria interpretando o sentir dos bispos e fiéis aqui presentes e o de tantos outros que através da Rádio e Televisão estão unidos espiritualmente conosco, exprime a Vossa Eminência a mais profunda gratidão pela sua amável presença nesta Peregrinação, pela palavra apostólica e inflamada que se dignou dirigir-nos.

Rogamos a Vossa Eminência que, ao encontrar-se com o Santo Padre, lhe transmita os sentimentos de piedade filial, de obediência respeitosa e dinâmica, de fervorosa devoção, por parte dos seus filhos espirituais de Portugal.

É a própria mensagem de Fátima que nos lança nestes caminhos de fidelidade amorosa à Cátedra de Pedro e à pessoa veneranda daquele que a ocupa nesta hora conturbada da história da Igreja e da Humanidade.

Sabemos que o Santo Padre está conosco. Ainda há pouco tive a felicidade de o ouvir dos seus próprios lábios. Diga ao Santo Padre que nós estamos com ele; que sentimos como nossas as suas dores físicas e morais; que sentimos como dirigidos a cada um de nós os insultos e ultrajes de que ele tem sido vítima nos últimos anos e ainda há pouco tempo.

A Mensagem de Fátima, não a encontramos apenas nas palavras do Anjo e de Nossa Senhora, mas também na vida dos pastorinhos; e sabemos como eles, e principalmente a Jacinta, amavam o Santo Padre e se compadeciam dos seus sofrimentos.

Algumas vezes a Jacinta confidenciava: «Quem me dera ver o Santo Padre; vem aqui tanta gente e o Santo Padre nunca vem». Mal pensaria a pequenita que em 13 de Maio de 1967 os seus anseios seriam realizados com a peregrinação de Paulo VI à Cova da Iria naquele dia inesquecível. A sua jaculatória preferida era esta: «Ó meu Jesus é por teu amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados contra o Imaculado Coração de Maria»; «sofro pela conversão dos pecadores e pelo Santo Padre». E numa visão profética, agora realizada na pessoa de Paulo VI, a Jacinta contou um dia à Lúcia: «Não sei como foi, eu vi o Santo Padre numa casa muito grande, de joelhos, diante de uma mesa, com o rosto entre as mãos. Fora da casa havia muita gente; uns atiravam-lhe pedras, outros diziam mal dele e pronunciavam contra ele palavras feias. Coitadinho do Santo Padre! Temos que pedir muito por ele».

Diga ao Santo Padre que em todas as peregrinações dos dias 13 de cada mês aqui rezamos, no espírito da Mensagem, por sua augusta pessoa e pelas suas intenções. É por ele que neste momento saudamos e invocamos a Virgem.



## Quem serve os Peregrinos em Fátima?

Na Cova da Iria vivem habitualmente mais de duas mil pessoas. Dos arredores da Cova da Iria devem vir, nestes dias de peregrinação, centenas mais, se não também milhares. A esses não os podemos contar. Servem nos alojamentos e nas lojas.

À volta da Reitoria do Santuário congregam-se mais umas tantas centenas, na sua grande maioria voluntários. Assim, não tendo o Santuário mais que uma dúzia de sacerdotes em serviço permanente, todos os outros (para o serviço de confissões, etc.) vêm de fora. Os peregrinos peões são acolhidos, tan-

to quanto possível, nas várias casas religiosas da Cova da Iria. Este serviço está entregue a um grupo de cerca de 50 acolhedores, cuja missão é receber os peregrinos no Santuário e encaminhá-los para os lugares de repouso. Nas próprias casas outros asseguram a assistência interna. O grosso do trabalho interno do Santuário nestes dias é executado por algumas centenas de SERVITAS, homens e senhoras, que incluem sacerdotes e médicos. Pertencem todos a uma associação chamada Pia União dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima. São eles que asseguram o serviço dos

peregrinos no Albergue dos Doentes, Basilica, Lava-pés, Recinto. Para a organização de Velada Noturna, do acolhimento aos jovens e da celebração penitencial para casais, vieram equipas especiais de Lisboa e Porto, envolvendo algumas dezenas de elementos. Para além destas pessoas colaboraram também todos os «servidores de Nossa Senhora» como se chamam os que trabalham habitualmente no Santuário (cerca de 110 pessoas) e uma centena de contratados eventuais.

L. G.

## Fátima, vista pelos meios de Comunicação Social

«Ó mãe, eu hoje vi Nossa Senhora na Cova da Iria».

Esta exclamação da pequenina Jacinta, dita na tarde de 13 de Maio de 1917, num impulso irreprimível que não se compadecia com a frágil promessa de guardar segredo, iniciou o processo de propagação da notícia de um dos acontecimentos mais importantes da história de Portugal nos últimos 60 anos.

Durante dois meses, a mancha da notícia dos factos ocorridos na Serra de Aire alastrou pelas aldeias vizinhas, percorrendo apenas os canais da expressão oral. O ponto de partida para o seu tratamento jornalístico através da imprensa foi um artigo de um correspondente de *O Século*, do concelho de Torres Novas, datado de 21 de Julho e publicado por aquele diário no dia 23.

Já nessa altura correria certamente entre as pessoas piedosas o primeiro conteúdo conhecido da mensagem da Cova da Iria: «Ó mãe, é preciso rezar o terço todos os dias... A Senhora disse isso à Lúcia». Mas aos leitores do matutino lisboeta já se insinuava, naquela correspondência, uma interpretação bem diferente: «É minha opinião que se trata duma premeditada especulação financeira cuja fonte de receita existe nas entranhas da serra, em qualquer manancial de águas minerais que recentemente tenha descoberto algum indivíduo astucioso que, à sombra da religião, quer transformar a Serra de Aire numa estância miraculosa como a velha Lourdes».

Estes dois extremos ainda continuam a balisar as várias opiniões que, durante estes quase sessenta anos, têm sido veiculadas através dos meios de comunicação social, a respeito de Fátima

Desde a correspondência de *O Século*, de Julho de 1917 ao comentário do *Tempo*, de 20 de Maio de 1976 (última tomada de posição que temos presente), quantas análises — e quão variadas — se fizeram de Fátima, nas colunas dos jornais, livros e revistas e através das ondas da rádio ou da Televisão acerca dos factos aí ocorridos em 1917, dos actos que desde então aí se desenrolam, das multidões que aí se dirigem para os mais diversos fins!

Gostariamos muito de apresentar aos nossos leitores alguns extractos da imprensa portuguesa sobre a última peregrinação de Maio. Mas a falta de espaço obriga-nos a deixar esta tarefa para outro lugar e momento, esperando então fazer a nossa própria apreciação ao comportamento da mesma imprensa relativamente a Fátima em geral.

Tomámos nota da presença ou de contactos telefónicos dos seguintes meios de comunicação social: Radiotelevisão Portuguesa, Radiodifusão Portuguesa, Rádio Renascença; *O Dia*, *O Diário*, *Diário de Notícias*, *O Século*, *Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias*, *Primeiro de Janeiro*, *A Capital*, *Diário Popular*, *Jornal Novo*, *A Luta*, *Expresso* e *Nova Terra*. Outros órgãos de imprensa fizeram referência à peregrinação.

Da imprensa estrangeira tomámos conhecimento do *Pueblo* e *El País*, de Madrid; de *Dom*, da diocese de Paderborn e *Boite von Fátima*, de Regensburg, e da agência noticiosa *Pyreza*, de Madrid.

No âmbito das acuidades do *Serviço de Estudos e Difusão de Fátima* (SESDIFA) e do *Serviço de Informações do Santuário* (SIS) pensa-se em reorganizar uma *Sala de Imprensa* de apoio aos meios de comunicação social, que funcione nos dias das grandes peregrinações ou em outras ocasiões especiais e forneça outros elementos úteis.

L. C. C.

## Há que reprimir os vendilhões em Fátima

Fátima nasceu das Aparições de Nossa Senhora, em 1917. Nasceu, portanto, da vontade de Deus, aí manifestada por Maria. E Nossa Senhora disse-nos que aquele lugar deveria ser de oração e sacrifício. De facto, assim o querem manter as centenas de milhares de peregrinos que lá acorrem na roda do ano em resposta ao apelo do Senhor.

Mas logo desde o início apareceram as profanações de alguns que, movidos pelo desejo exclusivo de lucro, e indiferentes à vontade da maioria, invadiram o espaço sagrado com negócios e foguetes. D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, reagiu prontamente, em carta de 18 de Novembro de 1922, para o pároco de Fátima: «Chegou ao meu conhecimento que no dia 13 do corrente se lançaram foguetes na Cova da Iria e até havia vinho para vender no mesmo local. Se permitiu o culto naquele lugar, foi como manifestação de amor a Nossa Senhora, cujo auxílio precisamos de rogar, fazendo penitência pelas nossas próprias faltas, pelas do nosso querido Portugal e de todo o mundo. Aquele lugar é de oração e penitência. Mais nada. Em vista do que determino o seguinte: 1.º Não é permitido o uso de foguetes na Cova da Iria... 2.º Não é permitida a venda de vinho ou outras bebidas alcoólicas naquele lugar».

Em 1953 a Câmara de Vila Nova de Ourém viria a proibir, nas áreas das fregeias de Fátima e Atouguia, «realizar mercados e feiras ou exercer qualquer actividade comercial fora dos locais a esse fim destinados». Proibição que foi confirmada por edital da mesma Câmara, datado de 23/9/74.

Ora os peregrinos de Fátima puderam verificar com os seus próprios olhos, e tiveram que sofrer na sua alma, o estendal de feirismo que se espalhou à vontade pelos próprios parques do Santuário e até, embora mais à socapa, no recinto de oração. Não queremos, com isto, insinuar que tenha sido ineficaz a acção da P.S.P.. De modo nenhum. Mas é evidente que, por razões facilmente descobriáveis, a sua acção acabou por ser muito incompleta. E finalmente ninguém terá ganho nada, a não ser talvez (e só talvez) um ou outro vendedor.

Claro que a solução não está fundamentalmente em reprimir. Compreendemos facilmente que aumentando o poder de compra dos peregrinos, cada vez levarão menos comestíveis de casa e cada vez gostarão de levar de Fátima mais recordações. É possível, pois, que devam ser alargados os espaços reservados ao comércio e que os vendedores ambulantes não possam ser contidos nos lugares até agora determinados. Impõe-se, assim, que as autoridades municipais estudem de novo o problema, de modo a não serem ludibriadas as suas disposições relativamente ao comércio na Cova da Iria. Está em revisão o Plano de Urbanização de Fátima. Há que não desperdiçar a

ocasião e proceder a um estudo sério das necessidades de abastecimento da Cova da Iria, enquanto centro de peregrinações.

Dizemos «enquanto centro de peregrinações» porque é essa a característica essencial de Fátima, já que, ao contrário de muitos outros centros religiosos, a Cova da Iria nasceu, como povoação, para o acolhimento dos peregrinos. Não se justifica, pois, que se venha para ali vender artigos de feira, ou mesmo de romaria. Fátima é exclusivamente lugar de peregrinação.

E como, mesmo depois de devidamente acolhidos os legítimos interesses dos comerciantes (que então também prestarão serviço aos peregrinos) sempre haverá abusadores, têm as autoridades de tomar os meios necessários para reprimir tudo o que não estiver permitido na lei. Por mais liberais que sejam os costumes, alguém e alguma coisa terá que ser sempre

reprimida. Oxalá as autoridades policiais se consigam libertar dos complexos de culpabilidade que quase acabaram com o poder público entre nós e saibam distinguir entre o que é justo e o que é abusivo.

Temos legislação suficiente. E a P. S. P. vai recobrando o seu ânimo e prestígio abalados. Precisamos só que as autoridades civis se debruem com olhos honestos e realistas sobre este grande acontecimento que é Fátima. Temos esperança de que isso acontecerá. Com a colaboração dos peregrinos, dos organizadores de peregrinações, dos habitantes da Cova da Iria e dos próprios vendedores ambulantes (que a maioria deles há-de querer colaborar) será possível afastarmos de Fátima estes ares de feira que impedem a alma de respirar fundo. Fátima é lugar de oração. E de silêncio. E de paz.

P. Luciano Guerra

## FÁTIMA NO MUNDO

### Comemorações da Aparição noutros Santuários

O 59.º aniversário da primeira aparição de Nossa Senhora em Fátima foi comemorado em vários santuários, igrejas e capelas de diversos países, em união com os peregrinos do Santuário da Cova da Iria.

NO BRASIL — comemorando o 1.º aniversário da triunfal e apoteótica recepção à imagem de Nossa Senhora e da fundação da Paróquia de Fátima, efectuou-se em Pousos Alegre, Estado de Minas Gerais, uma novena nos dias 4 a 12 com palestras sobre Nossa Senhora, Missa e comunhão geral. No dia 13 houve Missa de Pontifical presidida pelo sr. Arcebispo de Pousos

Alegre com uma grandiosa procissão com a imagem de Nossa Senhora em que participaram sacerdotes, Câmara Municipal, e representantes das actividades sócio-culturais, colégios, operários e grande multidão.

Em ITURAMA (Minas Gerais) efectuaram-se nos dias 10, 11, 12 e 13 pregação, terço solene, Missa, encontros de catequese, jovens, cursistas e dirigentes do culto, durante a peregrinação com a imagem de Fátima que desde 23 de Abril percorre todas as vilas da zona rural da arquidiocese de Uberaba.

Em PRATA no mesmo Estado de Minas Gerais, efectuou-se uma grande manifestação religiosa, durante a qual foi transmitida uma mensagem telefónica do senhor Bispo de Leiria, que a seguir reproduzimos:

### Queridos amigos brasileiros de Prata — Minas Gerais

É para mim motivo de profunda emoção poder comunicar convosco nesta hora em que as nossas duas pátrias se encontram ajoelhadas aos pés da Virgem de Fátima para meditar a sua mensagem trazida ao mundo moderno pelos seus doces lábios de Mãe. A Cova da Iria não é apenas para Portugal, é para a Humanidade inteira. O mundo moderno é um imenso deserto de Deus; vazio de valores sobrenaturais, caminha a passos largos para abismos de destruição e de morte. Mas Deus quer salvar o homem de hoje, por intermédio da Mãe comum da Humanidade e Sua Mãe Santíssima. Nos momentos difíceis da vida da Igreja sempre Maria esteve presente. Hoje que a Igreja e a Humanidade vivem porventura a sua maior crise, Fátima surge como o grande sinal de salvação. Alguém a definiu como explosão do sobrenatural neste mundo secularizado e marxizado e com razão. Ela convida-nos à interioridade, à oração, ao encontro com Deus, à conversão, a esta nova criação do homem em Cristo, por Maria, no Espírito Santo. Só Cristo poderá salvar a Humanidade de hoje, mas hoje, como sempre, Cristo vem por Maria. Vamos meter dentro da alma a sua mensagem de oração e penitência. Vamos fazer dela carne da nossa carne, alma da nossa alma. Desde esta Cova da Iria o Bispo de Fátima vos abençoa de todo o coração, no Coração Santíssimo de Cristo e no Coração Imaculado de Sua Mãe.



## A presença dos Irmãos de outras línguas

Quem reside ou trabalha habitualmente na Cova da Iria ou esteve presente nas grandes peregrinações, tinha-se apercebido, com relativa facilidade, da diminuição do afluxo de estrangeiros. As razões são por demais conhecidas. O decréscimo foi nítido principalmente no que respeita aos espanhóis que vinham sobretudo nos dias da Semana Santa.

Mas, a pouco e pouco, a presença de peregrinos e turistas especialmente da Europa vai-se registando novamente. As razões deste retomar também são compreensíveis. A imagem que Portugal está a mostrar lá fora, sobretudo a partir de certo momento, parece ser mais convidativa a uma visita, sobretudo quando essa visita tem finalidades que ultrapassam o simples turismo.

A peregrinação de Maio registou, pois, uma presença muito significativa de estrangeiros. Embora não dispnhamos de números rigorosos, o Serviço de Peregrinos forneceu-nos estes dados relativos a alguns contingentes de estrangeiros: cerca de 500 franceses, 150 suíços, 500 alemães, 100 belgas, 50 ingleses, um número não definido de espanhóis e peregrinos de muitas outras nacionalidades (da América do Norte e do Sul, da Polónia, Itália, Irlanda, etc.).

Na tarde do dia 13, depois do encerramento da peregrinação, o Reitor e alguns responsáveis de serviços do Santuário reuniram-se com alguns directores de peregrinações estrangeiras para uma troca de impressões sobre a peregrinação de Maio. Foi muito útil esse encontro pelas informações prestadas e pelas sugestões que deram para o bom acolhimento e proveito espiritual dos peregrinos estrangeiros que visitam Fátima, ao longo do ano, e especialmente nas grandes peregrinações anuais.

Foi unânime, da parte dos presentes, a declaração da forte impressão que despertou aos estrangeiros a fé dos portugueses, mesmo que expressa, por vezes, em actos que suscitam alguma admiração ou incompreensão, como as penitências corporais. Para além da finalidade espiritual da sua peregrinação, alguns participantes do encontro referiram a preocupação dos estrangeiros de conhecer, em Portugal, o modo de viver de tantos portugueses que eles conhecem, nos seus países, apenas como homens de trabalho que lutam pela sobrevivência das suas famílias e da sua Pátria.

As sugestões relativas aos vários aspectos e celebrações das peregrinações anuais serão tomadas na devida conta no futuro.

## Aos cruzados e leitores

No mês de Julho retomaremos todas as secções habituais da VOZ DA FÁTIMA, agora interrompidas com a publicação deste número especial sobre a grande peregrinação de Maio. Nomeadamente continuarão os *Instantâneos do Leste Comunista*, do nosso Director, as *Graças de Fátima*, a correspondência dos Leitores, *Fátima, centro de espiritualidade*, notícias marianas, contactos com os cruzados, etc..

Aos caríssimos cruzados e leitores da Madeira informamos que, em breve, seguirá, pelo correio, para todos, uma circular da Administração, para a qual chamamos a sua atenção.

A Redacção e Administração

## «Obrigado» ao Director cessante

Os nossos leitores terão reparado que a *Voz da Fátima* mudou de director a partir do mês passado, Maio de 1976. Compete-nos aqui — fazemo-lo com muito gosto — deixar uma palavra de agradecimento ao Rev. P. Joaquim Domingues Gaspar, que dirigia o jornal desde Outubro de 1971. Na realidade, já antes, e de longa data, precisamente desde Setembro de 1961, ele se ocupava totalmente da sua redacção, uma vez que Mons. Marques dos Santos (o Senhor o tenha na Sua glória) pouco ou mesmo nada podia entregar-se a tarefas jornalísticas. Assim, durante longos anos, a maior parte dos quais em perfeito anonimato, o nosso director cessante foi oferecendo a Nossa Senhora, e aos caríssimos cruzados de Fátima, o ramalhete mensal destas quatro páginas que, na sua simplicidade, têm levado muita vida a muitos corações. Para o Sr. P. Domingues Gaspar vai pois, o nosso sincero agradecimento, em nome dos leitores e do Santuário de Fátima. E vai também a homenagem das oito páginas deste número, uma excepção que algumas vezes ele terá pedido sem que lhe fosse concedida... Aos leitores, só uma recomendação do novo director: que peçam a Nossa Senhora luz e graça para a actual equipa de redacção. Muito obrigado!



P. LUCIANO GUERRA, Director.

## ALGUNS NÚMEROS DA PEREGRINAÇÃO

Nos vários sectores da peregrinação estiveram 269 servitas, dos quais 141 senhoras e 128 homens. Além dos membros da Pia União dos Servitas de Nossa Senhora de Fátima, prestaram serviço 7 religiosas, 7 religiosos e 8 médicos.

De notar que além dos médicos, colaboraram na assistência aos doentes e sinistrados, com entusiasmo e eficiência, alguns jovens estudantes dos últimos anos das escolas médicas do País. Foram unânimes em considerar esta sua experiência de Fátima como óptima escola prática para a sua profissão.

Participaram no retiro de doentes 54 pessoas. Inscreveram-se para a bênção do Santíssimo Sacramento, do dia 13, 455 doentes. Foram assistidos no Posto de Socorros do Albergue de Nossa Senhora das Dores 931 pessoas.

Nos serviços de lava-pés foram tratados 3.204 peregrinos, dos quais 11 no dia 8 de Maio; 129, no dia 9; 403 no dia 10; 1.099 no dia 11; 1.350 no dia 12 e 212 no dia 13.

No posto de assistência aos peregrinos penitentes e cumpridores de promessas de joelhos, foram acolhidos 280, entre os quais bastantes soldados vindos da ex-colónias e muitas pessoas em espírito de penitência e pedindo pela paz.

Os peregrinos a pé foram atendidos numa tenda colocada na Praça Pio XII e na secção de informações, por um serviço de acolhimento que funciona desde o ano passado em dependência do *Serviço de Peregrinos*. A este acolhimento de peregrinos a pé deram a sua colaboração, absolutamente desinteressada, 50 pessoas das várias casas religiosas e seminários da Cova da Iria, além de muitas outras não directamente agregadas ao serviço.

Foram 25 as casas religiosas que acolheram peregrinos para dormir, em centenas de colchões, esteiras e

cobertores adquiridos para o efeito pelo Santuário. Deste modo foram alojados 3.232 peregrinos e fornecidos 1.900 pequenos almoços e 3.210 sopas inteiramente gratuitas.

No Serviço de Confissões inscreveram-se 110 sacerdotes que confessaram uma média de 6 horas cada um. Além destes houve cerca de 30 confessores que deram a sua colaboração sem horas marcadas.

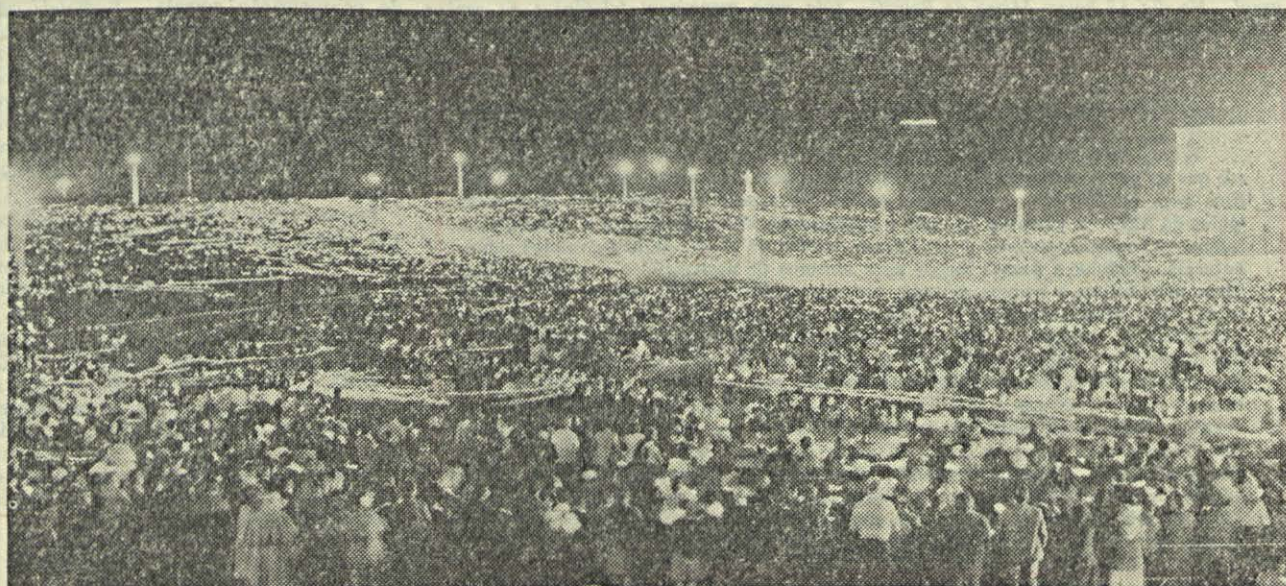
Nas várias missas oficiais da peregrinação houve cerca de 72.500 comunhões, repartidas do seguinte modo: 17 h do dia 12: 1.800; 22.30, de 12: 18.000; 5 h de 13: 2.700; solene concelebração de 13 (250 concelebrantes): 30.000.

À hora da missa dos doentes as estimativas acerca do número de peregrinos presentes oscilaram entre 250 mil e 300 mil. Mas todos são unânimes em afirmar um aumento extraordinário em relação ao ano passado.

## Curso de Mariologia em Fátima

O conhecido teólogo francês René Laurentin virá fazer um curso de Mariologia em Fátima. Este curso irá de 14 a 18 de Setembro deste ano e será dado em francês.

Oportunamente daremos informações mais pormenorizadas. Recebe inscrições, desde já, e presta esclarecimentos o **SERVIÇO DE ESTUDOS E DIFUSÃO DE FÁTIMA (SESDIFA)** — Santuário de Fátima.



### Voz da Fátima

Director: Padre Luciano Guerra

Propriedade: Santuário de Fátima

Impressão: Gráfica de Leiria

Redacção e Administração: Santuário de Fátima

Para todos os assuntos relativos ao nosso Jornal

dirigir-se a

VOZ DA FÁTIMA

Santuário de Fátima (Portugal)

Telefs. 049/97182 - 97407 - 97468